

poéticas políticas

Fotografia como ato de insurgência contracolonial

La fotografía como acto de insurgencia
contracolonial

Photography as an act of countercolonial insurgency

Stela Guedes Caputo¹

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: stelauerj@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0133-3301>.

Submetido em 14/01/2024

Aceito em 14/01/2024

Como este trabalho

CAPUTO, Stela Guedes. Fotografia como ato de insurgência contracolonial. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 807-814, jan./jun. 2024.

insurgência

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais | v. 10 | n. 1 | jan./jun. 2024 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.
Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

Fotografia como ato de insurgência contracolonial

Em uma das fotografias vemos Ekede Lara de Oxóssi, aos seis anos, em seu terreiro, o Ilê Axé Omi Lare Iyá Sagbá, em Santa Cruz da Serra, Duque de Caxias. Fiz essa foto em um momento de pausa, onde todas nós ajudávamos a preparar nosso terreiro para o Olubajé, o banquete do rei, a grande festa para Obaluaê, poderoso orixá da boa saúde e da cura. “O olubajé é a festa para o rei da terra, ele veste a palha para espalhar vida, espalhar amor. Ele não é a doença, ele cura a doença da gente”, ensina Ekede Lara.

Na outra fotografia, vemos Mariah de Souza Pimentel, do Ilê Axé Iyá Omim Delê, em Cabuçu, Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Ela é de Oxum e na foto tem 3 anos. Dessa vez, fiz a foto no quintal de seu terreiro, em frente ao quarto dos eguns. Os eguns são os mortos, pessoas importantes no culto que fizeram por merecer durante sua existência no aiyê (aqui na terra) o ritual de voltar vestindo a roupa sagrada, casa temporária da morte refazendo a vida. “O egun sai da morte e vem viver com a gente”, explica Mariah.

As duas são crianças de terreiro (Caputo, 2012). No caso de ambas, terreiros de candomblé, religião brasileira, que começou a ser partejada no Atlântico enquanto escravizados e escravizadas atravessavam um oceano de dor, angústia, desespero e saudade. Cada terreiro, seja de que nação for, sempre esteve repleto de crianças que participam dos rituais, da hierarquia dos cultos e ganham cargos importantíssimos, de liderança, de sucessão e de continuidade das casas (Caputo, 2020).

Há 30 anos pesquisamos com crianças de Candomblé. No Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ (PROPED), fundamos o Kékeré (pequeno, miúdo, em yorubá) e por que fizemos isso? Porque compreendemos que as crianças de terreiros eram invisibilizadas mesmo nos estudos afro-diaspóricos, incluindo as pesquisas de religiões afro-brasileiras. Não é que nossos estudos as tenham trazido para o centro, porque elas continuam nas casas de santo como sempre estiveram, sendo iniciadas, recebendo cargos, brincando, tocando atabaques, cantando, dançando, cuidando dos orixás, por exemplo, sem que precisem de qualquer pesquisadora ou pesquisador. O que fizemos, então? Apenas começamos a romper uma certa cegueira epistemológica e política em diversas áreas de estudos e também de ativismo político.





Muito lentamente, pesquisadores e pesquisadoras, com diferentes interesses de pesquisas, começam a perceber que as crianças de terreiros existem. Ou seja, as crianças de terreiros não precisavam ser movidas de lugar algum. Quem precisava (e precisa muito) sair do lugar continua sendo a Universidade, a chamada academia e toda a sociedade que continua racista, inclusive praticando sua face racista religiosa.

Para Sarmiento (2005), as crianças são indivíduos com a sua especificidade biopsicológica que, ao longo de sua infância, percorrem diversos subgrupos etários e varia a sua capacidade de locomoção, de expressão, de autonomia de movimento e de ação, etc. E acrescenta que as crianças “são também seres sociais que distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: classe social, etnia, raça, gênero, região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças”. (Sarmiento, 2005, p. 370).

Diferenciam, mas não quer dizer que determinem, já que, como indicou Cohn (2005), as crianças não são seres determinados pelas culturas, mas sim agentes produtores de culturas, ativas na fabricação de sentidos. Nos terreiros, as crianças incorporam orixás, cantam para folhas e comidas, falam yorubá, fazem preces nos ouvidos de bichos, falam com parentes mortos.

Não é de estranhar que fôssemos localizando insuficiências nas teorias e metodologias que conhecíamos. Prudentemente, ouvimos o conselho da boca do mestre tradicionalista de Bandiagara, Tierno Bokar, ao dizer que a África dos velhos sábios avisa ao jovem pesquisador e pesquisadora: “Se queres saber quem sou. Se queres que te ensine o que sei. Deixa um pouco de ser o que tu és. E esquece o que sabes” (Bâ, 2010, p. 212). O terreiro não é África, nem a reprodução fiel de alguns de seus rituais, mas guarda ligação profunda com ancestrais africanos. O aviso dos terreiros aos pesquisadores que buscam se aproximar de suas crianças é o mesmo.

Fotoetnografia miúda

Em nossas pesquisas, o que nos move não é analisar crianças nos cotidianos das casas de axé (candomblés de todas as nações e também os terreiros de umbanda), mas, nesses cotidianos, compartilhar seus modos de significar e interpretar a si mesmas e os terreiros, em todas as suas dimensões. Nos move também compartilhar com elas como significam e se relacionam com a sociedade para além do terreiro.

Saramago (1995, p. 10), disse: “se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Chamamos o que fazemos de Reparar Miúdo e Narrar Kékeré (Caputo, 2018). Sim, a ênfase do escritor português é no olhar, sendo este mais profundo quando conseguirmos ver e, mais profundo ainda, se conseguimos reparar, olhar mais detidamente e, por fim, ver, ou perceber melhor. Talvez essa percepção mais aprofundada do ver não se limite aos olhos. Se a discussão é importante para etnografias, ela se torna imprescindível para nós que pesquisamos com o que chamamos de Fotoetnografia Miúda, uma etnografia praticada com ênfase nas fotografias com crianças de terreiros. Mais recentemente, ampliamos nossas pesquisas com crianças ciganas, ribeirinhas, quilombolas e indígenas.

Embora sejam fundamentais, nunca foram só os olhos. Sempre achei que fotografavacom o corpo inteiro por vários motivos. Sem flashes, por interdição e estética, quando usada, a velocidade baixa pede uma respiração delicada, o dedo leve. Olhos, ouvidos, respiração, todos os sentidos acionados, envolvidos e conectados na Fotoetnografia Miúda. Afinal, Cartier Bresson estava certo ao dizer que “fotografar é colocar na mesma linha de mira, a cabeça, o olho e o coração”. (Bonney, 2009, p. 9).

Para Alex Schlenker (2019), descolonizar a escrita significa que permitamos outras formas de percorrer o que é pesquisado e conhecido do mundo: o corpo, os movimentos, as imagens, os sons, os objetos etc. Além disso, Schlenker enfatiza a importância de descolonizar o estatuto fotográfico, desde o ato de fotografar aos arquivos fotográficos. Porque a fotografia, diz ele, é um exercício pensado para a posteridade, no qual se trata de criar documentos visuais que pretendem falar de um momento determinado com veracidade”. (Schlenker, 2019, p.31).

Euede Lara e Mariah nos ensinou que o Senhor da Terra, com sua roupa de palha espalha a vida. Mariah Pimentel explica que o egun sai da morte e vem viver. São relações outras, relações contracoloniais, no dizer do nosso querido e agora ancestralizado, Antônio Bispo dos Santos. Nêgo Bispo preferia usar a palavra “contracolonial”, no lugar de “decolonial” ou mesmo “descolonial”. Para ele, se o colonialismo continua e pretendemos desmanchar o colonialismo, vamos morrer cansados. “Eles fazendo e eu desmanchando, eles fazendo e eu desmanchando. É isso que os decolonialistas fazem. Já nós, contracolonialistas, que temos uma trajetória que são quilombos, aldeias, terreiros, queremos bloquear o colonialismo. Não precisa matar o colonialista, mas curá-lo de sua cosmofobia”. (Bispo, 2023, p.27). Para ele, a bíblia funda um regime monoteísta em que só existe UMA verdade, UM modo de existir no mundo. Funda, portanto, a imagem de um Deus terrorista. Esse Deus terrorista, diz Nêgo Bispo, aparta o ser humano da natureza e faz com que todos nasçam sob o terror. Isso é a cosmofobia e é preciso curar a

humanidade da cosmofobia, ensinava. Para Bispo, a cosmofobia não é uma questão religiosa e sim, uma incapacidade da sociedade de lidar com as diversas linguagens e elementos. A essa incapacidade ele nomeou “cosmofobia”. Para combatê-la, ele sugere o politeísmo, que também não se restringe ao religioso, mas sim, uma relação diversificada com todas as vidas na natureza.

Nós do Kékeré temos andado por aí espalhando conhecimentos e fotografias de crianças que vivem uma infância contracolonial porque não foram reduzidas ao projeto terrorista e de morte do colonizador e reexistem até hoje. As fotografias, tenho percebido ao longo de tantos anos, seja em exposições, conversas, aulas e palestras, desacostumam lugares acostumados. Desassossegam e causam estranhamento aos conservadores colonizados. Para nós, contracoloniais, isso é bom porque sem desassossego, sem estranhamento, sem insurgências, inclusive imagéticas, não é possível vencer a cosmofobia. Bispo falava da vida como “começo, meio, começo de novo”. Para nós, a fotografia como ato de insurgência contracolonial também é isso: “começo, meio, começo de novo”. Viva Nêgo Bispo!

Referências

- BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: *História Geral da África*. v. 1. São Paulo: Unesco e Cortez, 2010.
- BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena, 2008.
- BISPO, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- BONNEFOY, Yves. In: *Henri Cartier Bresson. Fotógrafo*. São Paulo, Cosac Naify, 2009.
- CAPUTO, Stela Guedes. Reparar Miúdo, Narrar Kékeré — Notas sobre nossa fotoetnopoética com Crianças de Terreiros. *Revista Teias*, v. 19, n. 53, abr./jun. 2018.
- CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos terreiros — e como a escola se relaciona com crianças decandoblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- SARMENTO, José Manuel. *Gerações e alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância*. Educ. Soc. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.
- SCHLENKER, Alex. *Entrevista*. Epistemologias do Sul, v, 3. n. 1, 2019.

Sobre a autora

Stela Guedes Caputo

Doutora em Educação, fotógrafa, professora da Faculdade de Educação da UERJ e coordenadora do Kékeré (pequeno em yorubá), Grupo de Pesquisa do Proped/UERJ. Dofonitinha de Logunedé.